

# Visões E Práticas Da Alteridade – Construção E Definição De Sujeito A Partir Do Conceito E Análise De Heterogeneidade Discursiva No Romance *Le Quatrième Siècle*, De Édouard Glissant

Débora Maciel Cabral (PIBIC- UERJ)<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é descrever e analisar, enquanto *projeto formal* do romance, a heterogeneidade discursiva e a *desconstrução do foco narrativo do romance *Le quatrième siècle**, do autor antilhano Édouard Glissant e sua contribuição na produção de efeitos de sentido à construção do sujeito e na definição da *alteridade antilhana*, com o olhar dos que foram inseridos na cultura francesa e na expressão *francófona*, originando-se de processos históricos de *transculturação* dos que foram . Para tal fim, partir-se-á da análise descritiva do *discurso dialógico conflituoso* dos dois personagens centrais, papa Longoué e Mathieu e da *apresentação discursiva e modalizada do narrador*. É a partir destas produções de sentidos que ambos discursos permitem ao personagem Mathieu e ao leitor chegarem à uma concepção de alteridade e de sujeito que será desenvolvida da ideologia do *pensamento créole* sustentado por *Glissant*. Seguir-se-á os conceitos teóricos da *AD* – mais precisamente – *Authier- Revuz*, 1998; *Maingueneau*, 1990 /2000 tendo como base os pressupostos que, a partir do “conflito de vozes, projetarão diferentes identidades ou ‘outros’”, segundo *Bakhtin* e que “*do defrontamento de discursos revela-se e comprova a alteridade como condição humana*”, segundo *Authier- Revuz*. Outrossim, em fins conclusivos, o romance propõe uma disseminação ideológica do pensamento do autor, no que tange, o hibridismo cultural contra o pensamento hegemônico da cultura universal.

Le temps de suspendre la pesante médiation, pour se reposer ainsi du dialogue qui était leur partage, et peut-être aussi pour différer le moment où l'un d'eux devrait penser à haute “voix” un mot, une phrase, une parole qui marqueraient une nouvelle étape du chemin... pour retarder en somme la nécessité d'aborder une autre confidence : car la parole appelle la parole.

(Glissant, 1964 :15)

O romance de Édouard Glissant, *Le quatrième siècle* pode ser resumido em um enunciado: o discurso da fala . A análise deste romance aqui articulada faz uma contribuição para a análise da fragmentação da narrativa e o papel dos enunciadores-narradores e de suas materialidades lingüísticas, e para a construção do sujeito e a afirmação da alteridade antilhana, *projeto ideológico* do romance .

A narrativa inicia-se através de uma batalha dialógica entre dois personagens: um é papa Longoué, um velho septuagenário que é uma espécie de xaman das florestas, criado sem nenhuma relação com a cultura do colonizador francês (já que o primeiro ancestral de sua família fugira logo que o navio negreiro atracara no porto) e muito respeitado pela comunidade local devido seu dom de cura . Ele é um dos narradores do romance. O outro personagem é o jovem Mathieu Béluse

---

<sup>1</sup> Orientador: Prof. Geraldo Pontes Junior

criado na cidade, sem nenhum conhecimento sobre a história dos seus ancestrais escravos. Não tem nenhum referencial sobre sua história, somente aquela aprendida pelos estabelecimentos de ensino francês. Em uma tentativa de descobrir sobre si, questiona o velho xaman sobre -“*Qu'est-ce c'est le passé, papa Longoué ?*” - O que é o passado papa Longoué? O diálogo é travado até o fim do romance, sua narrativa desdobra-se numa cadeia semântica, em que se configura este plano ideológico, por onde se tece uma rede discursiva polifônica e heterogênea de três narradores que desempenharão os papéis discursivos de construtores de um imaginário coletivo.

O dialogismo é a condição de existência do romance que é introduzido por um diálogo mas sob a forma de um monólogo interior do personagem *papa Longoué*. Para Lacan este é o princípio de construção do sujeito: “*C'est bein cette assumption par le sujet de son histoire en tant qu'elle est constituée par la parole adressée à l'autre..*”(Lacan,1966: 697). É neste momento subjetivo da linguagem que, segundo Benveniste, o sujeito revela-se em sua própria enunciação. Benveniste afirma que o que transforma língua em discurso é o ato de enunciação – ato pelo qual o sujeito falante se apropria do aparelho formal da língua. O ato de enunciação é, portanto, uma ação individual através da qual a língua por um processo de apropriação converte-se em discurso.

*L'énonciation est mise en fonctionnement de la langue par un acte individuel d'utilisation ... c'est ego qui dit ego , acte que l'on oppose à l'énoncé objet linguistique qui en résulte*  
(Benveniste,1958:260)

Aqui *Ego- eu-* é o indivíduo que fala à alguém em um tempo e espaço determinados ( eu- tu / aqui/ agora). A designação dêitica marca a subjetividade e a primeira evidência da presença do sujeito. Constitui-se assim, o alvo da discussão sobre enunciação e a responsabilidade deste enunciado ao enunciador. No entanto, quando é evidente o fenômeno da polifonia como é característico no romance, Ducrot faz uma distinção entre locutor e enunciador. Deve-se saber que, tratando-se de um gênero narrativo, as enunciações são oriundas de enunciadores que por sua vez são os personagens (inclui-se também como personagem os narradores) e o *locutor* responsável por todos os enunciados é um desdobramento do autor Édouard Glissant. Ducrot distingue desta forma, o *sujeito falante* do locutor de um enunciado. O *sujeito falante* é o produtor do enunciado, cujo trabalho físico e mental permite produzir o enunciado. O locutor é quem toma a responsabilidade do ato da linguagem.

Assim, o romance estrutura através de seu plano formal, que é este caráter fragmentado da narrativa e tão heterogêneo quanto o discurso dos personagens narradores, a ideologia da alteridade antilhana em uma rede discursiva que está presente em todas as falas dos personagens- narradores.

Desta forma é delegada ao leitor uma reflexão e seu posicionamento quanto sujeito diante do que é lido. Para tal produção de sentido, observou-se que o romance organiza-se a partir de dois

processos: um é o de *desconstrução* dos cânones, principalmente o bíblico e o outro é o da construção de uma estética narrativa, a partir da paródia e da apropriação também ao cânone bíblico. Assim, é proposto um contar da história da comunidade negra sob o olhar dela mesma, a partir de uma narrativa, que ao mesmo tempo, pretende fundar uma gênese histórica e imaginária sobre a saga de dois ancestrais negros vindos da África e que se tornam inimigos após uma desavença, logo que o navio atraca .

O sentido de *desconstrução* na análise é, segundo os conceitos de Derrida, desconstruir e *contextualizar* e *contextualizar* é *desestabilizar* a trama das convenções/*contextualizações* dos fenômenos culturais e da própria comunicação/divulgação científica . É questionar o signo estável de Saussure. Com efeito, esta *desestabilização* ao ser aplicada no discurso, possibilita uma análise específica às enunciações e enunciadores, respeitando a diversidade de suas apresentações no discurso. Assim, a produção de sentido que o leitor terá é de não estar tratando de um único sujeito mas de vários. É esta a imagem multifacetada do sujeito que compartilha do pensamento de Glissant. Segundo ele, o sujeito antilhano de seus romances, em geral, é opaco devido ao resultado da relação entre culturas, do hibridismo cultural. A opacidade significa que, como consequência desse hibridismo, não é possível determinar com exatidão a contribuição étnica e cultural de cada comunidade, em seu novo todo. E o maior exemplo desse hibridismo cultural são as falas, os discursos e os personagens representados nos romances do autor, daí o termo *culture créole* e a divulgação do pensamento desta cultura.

Já a construção do romance, sob a ótica da paráfrase e da apropriação ao cânone bíblico, tem como contribuição a fundação de uma origem mítica, uma genealogia dos primeiros ancestrais que chegaram à Martinica . Assim, a função estética desempenhada pela técnica da paródia é uma inversão de significado entre o cânone bíblico e o discurso, tendo seu exemplo máximo na apropriação.

A apropriação propriamente dita por se situar não no conjunto das similaridades, mas no conjunto das diferenças, é uma variante da paródia e tem uma força crítica. É uma interferência no circuito. Não pretende *re-produzir*, mas produzir algo diferente.  
(Romano de Sant'anna, 1985: 48)

Et si on examine l'Ancien Testament, l'Iliade, les sagas, l'Énéide, on voit tout de suite que ces livres sont "complets" parce que "dans même" la vocation à l'enracinement, ils proposent aussi, immédiatement la vocation à l'errance.  
(Glissant, 1997:67)

Nesta ótica, a apropriação do discurso de criação de uma gênese histórica, como a do cânone bíblico quando este relata toda a descendência de Adão até Cristo pelo romance, tem como objetivo a legitimação das culturas compósitas, pensamento este que tornou as culturas atávicas legítimas como referenciais .

Pode-se aliar a idéia de *desconstrução* de Derrida à de estabilidade do signo com a concepção de signo ideológico de Bakhtin, pois segundo ele :“ o signo ideológico é o território comum, tanto do psiquismo quanto da ideologia; é um território concreto, sociológico e significante.” (Bakhtin, 1978:70)

O propósito - a construção do sujeito *antilhano* - não deixa de ser uma questão ideológica – política intencionada à concretização. Para que isso aconteça, o leitor deverá participar como um outro personagem à *decifração* deste objetivo, pois Glissant não deixa clara a imagem deste sujeito antilhano tampouco o romance conduz à uma interpretação que trata de questões complexas como um processo de formação identitária que parte do inconsciente individual para o coletivo .

Le mythe fondateur rassure obscurément sur la continuité sans faille de cette filiation et autorise dès lors la communauté dont s'il s'agit à considérer cette terre devenue territoire comme absolument sienne. Par extension de légitimité- nous l'avons aussi dit – il arrive que, passant du mythe à la conscience historique la communauté considère alors qu'il lui est donné par droit d'accroître les limites de ce territoire  
(Glissant, 1997:62)

O autor examina a questão da composição das comunidades atávicas, em relação às comunidades compósitas (antilhanas). Para Glissant a diferença entre ambas é o pensamento das comunidades atávicas que proclamam o mito da raça pura e única. Já sua visão às comunidades compósitas é a dominação do consciente pelos mitos, tradições culturais que irrigadas pela oralidade são faladas pelos personagens como papa Longoué e os narradores, neste novo território que é a Martinica.

La culture ataviques, c'est celle qui part du principe d'une Genèse et du principe d'une filiation, dans le but de rechercher une légitimité sur une terre qui à partir de ce moment devient territoire  
(Glissant, 1997:60).

E neste meio entre individual e coletivo, surgem inúmeras outras questões relacionadas com a formação do sujeito como a independência política, a questão da liberdade, da diversidade social e da aceitação do outro.

A análise partiu da observação das materialidades lingüísticas que os enunciados apresentavam de modo que, este projeto ideológico constituísse um discurso, que por sua vez escrito :“...é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde alguma coisa, refeita, confirma antecipa respostas e objeções potenciais, procura apoio e etc. (Bakhtin,1978:123) e assim, pudesse chegar à consciência individual mas sabendo que como afirma Bakhtin:“ A enunciação enquanto tal é um puro produto de interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida uma determinada comunidade lingüística” (Bakhtin,1978:60)

Desta forma conclui-se que à interpretação e construção do conceito de sujeito, deve-se considerar que o leitor está ancorado a uma dimensão própria de linguagem ou seja a construção do sujeito pelo leitor é extremamente subjetiva.

A partir das análises enunciativas dos narradores- personagens do romance pôde-se observar,em primeiro plano, que estava – se diante de um romance de uma grande *complexidade enunciativa* pois assume um comprometimento em fundar o pensamento de afirmação antilhana, através de uma narrativa, sob o viés do negro, este ao narrar sua própria história fragmenta seu discurso em três perspectivas importantes : a do *narrador- relator* , que se apresenta sempre entre parênteses e interfere no discursos de outros personagens, e até mesmo de outros narradores, a do *narrador-papa Longoué*, sem uma marcação específica mas que também interfere no discurso dos outros personagens e dos narradores e a do *narrador – testemunha*, que se apresenta sob a forma do itálico. Esta forma discursiva heterogênea de se apresentarem no romance reflete o princípio de sujeito cindido no pape de enunciator do discurso, a respeito, diz Authier – Revuz :

Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito da linguagem: sujeito descentrado dividido, clivado, barrado... pouco importa a palavra desde que longe do desdobramento do sujeito ou da divisão como efeito sobre o sujeito do seu encontro com o mundo exterior, divisão que se poderia tentar apegar por uma trabalho de restauração de unidade de pessoa, mantido o caráter **estrutural constitutivo da clivagem** pelo sujeito (Authier- Revuz,1990:28)

Através *discurso atravessado pelo inconsciente* Authier-Revuz descreve pelas formas de heterogeneidade mostrada, o **outro** Authier –Revuz .Apoiando-se na colocação de Freud sobre quem é este outro destaca:

“É a tal posição, a função do desconhecimento do eu que no imaginário do sujeito dividido, reconstrói a imagem do sujeito autônomo, apagando a divisão (...) a que remete o ponto de

*vista segundo o qual o centro é uma ilusão produzida para o sujeito, que as ciências do homem tomam como objeto ignorando que ele é imaginário”* (Authier-Revuz,1990:40)

Desta forma, o que se procura analisar é o *eu inconsciente, exterior a mim* – o outro (porque o sujeito já existe) falado pelos narradores citados que são apresentados através de marcações autonímicas diferentes aspas, itálico e parênteses com ou sem marcas de ancoragem e as formas em que esses discursos se apresentam direto, indireto, indireto livre. Pois estas formas heterogêneas que os discursos aparecem e polifonia na narrativa são formas representativas da alteridade antilhana fruto de uma cultura *créole*. Com efeito, os discursos dos narradores assumem a função engajadora de difundir a ideologia do pensamento antilhiano de Glissant.

#### *Le discours de la parole*

O discurso do romance é introduzido no primeiro capítulo do romance, por um travessão indicando um diálogo de papa Longoué a cena remete a um monólogo interior através do discurso direto :

*- Tout ce vent, dit papa Longoué qui va pour monter, tu ne peux rien, tu attends qu'il monte jusqu'à tes mains et puis la bouche, les yeux, la tête. Comme si un homme n'était que pour attendre le vent, pour se noyer oui tu entends, pour se noyer une bonne fois dans tout ce vent comme la mer sans fin...”*  
(Glissant,1964:4)

Para Maingueneau “ En réalité , le propre du discours direct, c'est qu'un même “sujet parlant” se présente comme le “locuteur” de l'énonciation mais délègue la responsabilité du propos rapporté à un second “ locuteur celui du discours direct.” ( Maingueneau,1993: 15)

De uma certa forma é permitir que o leitor tenha a acesso a subjetividade do personagem como o co- enunciador desta enunciação e muito mais além, é permitir ter acesso aos inúmeros sujeitos em discurso, sujeitos estes revelados no momento da enunciação. O diálogo é predominantemente extensivo e discutido no romance assim como o é na obra de Bakhtin . O diálogo para ele pode ser definido como: “Tudo se reduz ao diálogo, à contra posição enquanto centro. Tudo é meio, o diálogo é o fim. Uma só voz nada determina, nada se resolve. Duas vozes são o mínimo de vida”. (Bakhtin,1978: 96). O dialogo assume na obra de Glissant uma unidade garantida pela centralidade da linguagem, cujo o método de análise é a dialética e a síntese é projetada ao leitor. É importante destacar que esta variedade discursiva conduz o leitor ao plano ideológico do romance pois além de ter a trama ficcional do relato de papa Longoué sobre sua história e de Mathieu, o leitor se vê diante de um jogo intertextual desempenhado pelo narrador-

relator. Sua função na narrativa é de contextualizar o panorama Histórico Universal aos relatos de papa Longoué, logo esse que estabelece uma linearidade entre ficção histórica e história propriamente dita. O narrador -testemunha, que se apresenta somente no segundo capítulo de *La pointe de Sables*. Nele, a ótica onisciente do narrador é mesclada na enunciação de Mathieu que introduz o capítulo.

Desta forma, retoma-se todo um discurso entre papa Longoué e Mathieu Béluse, em que se dialoga agora com o leitor de uma maneira intertextual entre mito fundador semítico e o mito antilhano. Propondo criar um conceito de alteridade antilhana, em que a cultura do colonizador não será abolida mas mantida em relação com a cultura negra.

Les espaces blancs sur les cartes planétaires sont maintenant tramés d'opacité, ce qui a rompu à jamais l'absolu de l'histoire, l'aquella était d'abord projet et projection. Dès lors, l'histoire se défait dans son concept en même temps qu'elle ressasse ces retours d'indéterminé que, du national au fondamental d'autant plus sectaires qu'ils sont devenus caducs (Glissant, 1990: 69)

#### *O romance do nós*

*Le quatrième siècle* é considerado o *romance do nós*, que pode ser comprovado pela análise discursiva dos narradores devido suas particularidades tipológicas construindo um sujeito multifacetado fruto de um hibridismo cultural.

A obra de Glissant vai-se construir por acumulação, pela nomeação extensiva de todo um espaço-tempo vivenciado por personagens que se repetem de um livro para outro, evoluindo, envelhecendo, refletindo, insistindo naquelas idéias fixas do autor, nem diálogo interminante, recortado, em vários alter egos discutem, numa duração interminável. (Figueredo, 1998:80)

O romance não revela nitidamente a imagem deste sujeito antilhano, que se deve reconhecer si, devido ao efeito da *opacidade* mas alteridade antilhana é reconhecida na fala do outro. Este reproduzidor de um *plano ideológico* do autor que demonstra um rompimento com o conceito cartesiano humanista de língua e sujeito enquanto transparência para uma concepção vogada pela noção de heterogeneidade. Glissant problematiza o sujeito humanista, universal e racional quando o intertextualiza com seu sujeito antilhano em construção. Pois esse é posto em oposição ao sujeito problematizado pela história e pela psicanálise, revelando sua contribuição clivada, descentrada e contraditória. Assim diz Authier-Revuz “o discurso não se reduz a seu dizer explícito; ele traz com ele, como o próprio pensamento, o peso do “outro” de nós mesmos. Aquele que nós ignoramos ou

que nós recusamos.” (Authier-Revuz,1990:33)

Outrossim, é delegada ao leitor a consciência de sua antilidade para uma perspectiva futura. O romance somente estabelece um eixo de retomada e da construção de uma memória coletiva em seu tempo e espaço.

## **Bibliografia**

AUTHIER-REVUZ, J. “Deux mots pour une chose; trajets de non-coïncidence” . In ANNALES Littéraires de l'Université de Besançon n° 701, *Répétition, Alitération, Reformulation*. Presses Univesitaires Franc-comtoises, 2000.

\_\_\_\_\_. ”Hétérogénéité montrée et hétéroenité constitutive; éléments pour une approche de l'autre dans le discours”. In. *DRLAV- Revue de lingüistique*, n° 26.

\_\_\_\_\_. “Heterogeneidade(s) enuciativas(s)”. *Cad. Est. Ling*, Campinas,(19); 25-42,jul /dez. 1990. Tradução Celene M. Cruz e João Geraldi.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Tradução. Michel lahud e Yara Frateschi Vieira, colaboração de Lucia Teixeira Wernik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz . 5ªed. São Paulo: Hucitec; 1978.

BENVENISTE, E. “La nature de pronoms”. In: *Problèmes de lingüistique générale*. Paris, 1958, p 260.

DERRIDA, J. *De la grammatologie*. Paris: Menuit, 1967.

DUCROT, O. *Le dire et le dit*, Paris; Éditions de Minuit, 1985.

FIGUEREDO, E. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói. ED. UFF, 1998.

GLISSANT, E. *Le discours Antillais*. Paris: Sueli, 1981

\_\_\_\_\_.*Introducion à une poétique du divers*. Paris. : Gallimard, 1996.

\_\_\_\_\_.*Poétique de la Relation*. Paris: Galliamard,1990

\_\_\_\_\_.*Le quatrième siècle*, 1994.

LACAN, J. ”À la mémoire d' Erneste Jones. Sur sa théorie du symbolisme” (1960). In: *Ecrits Paris* 1966, p. 697-717.

MAINGUENEU, D. *Le contexte de l'ouvre littéraire. Énonciation, écrivain, société*. Paris: Dunod, 1993.

\_\_\_\_\_.*Pragmatique pour le discours littéraire*. Paris. Bordas, 1990

SANT'ANNA, A. R. *Paródia, Paráfrase & Cia*. SP Ática, 1985.